



Diário Económico

18-09-2013

Periodicidade: Diário
Classe: Economia/Neócios
Âmbito: Nacional
Tiragem: 18714
Temática: Política
Dimensão: 214
Imagem: S/Cor
Página (s): 22

BLOGOSFERA À ESQUERDA
que se pode esperar da nova visita da 'troika'?



Um trinta e um dois em um

Marco Capitão Ferreira
 Jurista

As sétima e oitava avaliações foram "fundidas" porque o Governo decidiu esboroar-se em público e a 'troika', ao que se viu, não tem disponibilidade para trabalhar nesses cenários político-institucionais. Como todos os compreendemos. O Presidente da República, falando nominalmente para a 'troika' mas com maior propriedade para o Governo, disse esperar que estas avaliações não comprometam a recuperação da economia nacional, que tenham em atenção os sacrifícios que já foram pedidos aos portugueses e que revelem bom senso. Era boa ideia, mas não parece provável. Esta dupla jornada tem pela frente dois sinais decisivos: o cumprimento radical e cego do programa só trouxe desvios em relação aos objectivos quantitativos - as "metas" -, nunca tendo sido cumpridas, tendo no entanto sido pagos os respectivos custos sociais; e se a economia começou a afundar mais devagar, com um ou outro sinal ténue de que o fundo poderia estar a vista foi só porque, entre os chumbos do Tribunal Constitucional e as lutas internas do Governo, este praticamente parou durante o primeiro semestre deste ano. É de esperar que sejam pura e simplesmente ignorados. A 'troika' fará o seu papel - há metas acordadas e medidas prometidas desde a sétima revisão. A 'troika' representa credores e os portugueses não são preocupação sua. Ponto. Deveriam ser do nosso Governo, mas este tomou como o seu um outro papel: rever as medidas sempre em função do suposto cumprimento das metas, escolhendo de entre as medidas possíveis aquelas que se inserem nas suas opções ideológicas, não olhando, como sempre, para a economia real, o nível de desemprego, a pobreza crescente ou a noção de que a redução de funções do Estado afecta mais negativamente quem menos tem, estando as empresas e as classes mais favorecidas isentas, em larga medida, desse esforço. Não é a troika que tem demasiada força negocial, é o nosso Governo que, como disse Marques Mendes, e bem, "é forte com os fracos mas fraco com os fortes". Porque é isso que lhe serve. No fim de tudo isto seremos um país absolutamente mais pobre e relativamente mais desigual. A recuperação será trabalho para pelo menos uma geração. Ou duas. ■

Nota: A semana passada a Parvalorem, sociedade pública que gere as dívidas ao BPN que ficaram nas mãos do Estado, conseguiu recuperar 18 milhões de euros. A forma inteligente e ágil como o processo foi conduzido - envolvendo a apreensão do lucro de um leilão de carros de luxo em Londres - mostra que no Estado ainda há quem saiba o que está a fazer e que os tribunais ainda vão funcionando.